

O pequeno livro das grandes emoções

Brasília, novembro de 2009

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



O pequeno livro das grandes emoções

“ ... ”



© 2009 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

Coordenação: Timothy Ireland, Rosa Amanda Strausz, Valeria Rezende

Coordenação técnica: Maria Gurjão de Moraes

Revisão: Jeanne Sawaya

Diagramação: Paulo Selveira

Capa e projeto gráfico: Edson Fogaça

O pequeno livro das grandes emoções. – Brasília : UNESCO, 2009.
60 p.

ISBN: 978-85-7652-098-6

1. Alfabetização 2. Antologias 3. Contos 4. Poemas 5. Músicas I. UNESCO

CDD 808.8



Representação no Brasil

SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6,

Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar

70070-912 - Brasília - DF - Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 3322-4261

E-mail: grupoeditorial@unesco.org.br

S U M Á R I O

PREFÁCIO.	7
APRESENTAÇÃO	8
OS POEMAS (Mario Quintana)	13
COMO COMECEI A ESCREVER (Carlos Drummond de Andrade)	15
TORTURA E GLÓRIA (Clarice Lispector)	19
PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA (Cora Rónai)	23
O FILHO QUE EU QUERO TER (Vinícius de Moraes)	27
A ÚNICA VEZ (Victor Giudice).	31
LÉGUA TIRANA (Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira)	35
AS FORMIGAS (Lygia Fagundes Telles)	37
OLHOS NOS OLHOS (Chico Buarque)	47
O AMOR ACABA (Paulo Mendes Campos).	49
EU SEI, MAS NÃO DE VIA (Marina Colasanti)	53
NÃO SEI (Cora Coralina)	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

P R E F Á C I O

Por mais que avancemos nas novas tecnologias da comunicação, a leitura do impresso continua desempenhando um papel crítico na nossa formação humana e cidadã. Lemos para nos informar e, sobretudo, na busca do prazer e do descobrimento do novo. É uma maneira de viajar – no espaço, no tempo e nas ideias – sem sair das nossas próprias casas.

No campo educacional, há uma grande lacuna quanto a textos literários escritos ou escolhidos especialmente para os neoleitores jovens e adultos em processo de formação como leitores. Por esse motivo, a UNESCO e a Secad consideram importante incentivar a produção de material de leitura e facilitar o acesso ao livro e à leitura para pessoas de todas as idades como parte da política da educação e aprendizagem ao longo da vida. Políticas de educação e aprendizagem ao longo da vida e de acesso ao livro e à leitura são dois lados da mesma moeda.

Esse pequeno grande livro não foi concebido como livro didático. Ninguém vai ser obrigado a lê-lo. Foi pensado como uma coletânea de textos literários de diversos tipos e estilos, escritos por alguns dos melhores escritores brasileiros para suprir a lacuna identificada e, para acima de tudo, dar prazer aos jovens e adultos que estão iniciando a grande aventura da leitura. Esperamos que “quando fechar o livro”, você também, como nas palavras de Mario Quintana, “alçe voo como de um alçapão”.

Vincent Defourny

Representante da UNESCO no Brasil

André Lázaro

Secretário da Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC)

A P R E S E N T A Ç Ã O

Parabéns!

Agora você já está pronto para ler um livro inteiro. Quer emoção maior do que essa?

A melhor maneira de festejar esse acontecimento é ganhar um livro.

Este aqui chama-se *O pequeno livro das grandes emoções* e foi feito para quem está começando a ler literatura. Ele traz textos de escritores brasileiros muito importantes. Apresenta diversos estilos de escrita: poemas, crônicas, contos e letras de música. Mas todos eles têm uma coisa em comum: falam de emoções que todos nós experimentamos na vida.

Ao começar a ler, talvez você se pergunte: por que misturar tantos textos diferentes?

Essa pergunta tem muitas respostas.

Em primeiro lugar, a literatura é a arte da palavra. E, como toda arte, pode se apresentar de muitas maneiras diferentes. Se fosse tudo igual, não seria arte.

Em segundo lugar, é para que você possa começar a perceber de que tipo de texto gosta mais. O gosto pode mudar com o tempo. Mas é bom iniciar por algum ponto. Sua preferência poderá ser por um autor, poderá ser por um gênero. Talvez você se sinta mais à vontade lendo poesia. Talvez prefira crônicas. Talvez goste mais de uma matéria de jornal.

O importante é saber que não gostar de um tipo de texto não quer dizer que você não goste de ler.

E mais importante ainda é poder dizer que gosta de alguma coisa.

Quer emoção maior do que essa?

Algumas dicas e truques para ajudar na leitura:

1) Este não é um livro de escola. Então, você não é obrigado a ler tudo. Se começar a ler um texto e achar que é chato, pare e pule para outro.

2) Não se preocupe demais com as palavras desconhecidas. E nem se uma frase ou outra não fizer muito sentido na primeira leitura. Se gostar do texto, continue lendo. Quando terminar, volte e procure as palavras que não conhece. Só então busque seu significado no dicionário ou pergunte para alguém. Dê um descanso para a cabeça e depois volte a ler o mesmo texto. Você vai ver que, na segunda leitura, ele vai ficar mais fácil e mais gostoso de ler. Literatura é assim: quando a gente aprende a gostar, vai gostar sempre mais.

3) Ninguém conhece todas as palavras. Mesmo quando você já tiver muitos anos de leitura, vão aparecer frases esquisitas e palavras novas. É por isso que quem lê sempre está aprendendo coisas que não sabia.

4) Não desista dos textos que não agradaram na primeira leitura. Deixe passar um tempo e tente lê-los novamente. A gente está sempre mudando. Às vezes, um texto que parecia chato numa época, pode parecer muito interessante anos mais tarde.

Boa leitura!

Rosa Amanda Strausz



Mario Quintana nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, em 1906. Trabalhou na farmácia que pertencia a seu pai, foi jornalista, tradutor e editor. Passou toda a sua vida na cidade de Porto Alegre. Não se casou e vivia em um hotel, que foi transformado, depois de sua morte em 1994, na Casa de Cultura Mario Quintana.

Carlos Drummond de Andrade, nasceu em Itabira, Minas Gerais. Foi, por muitas décadas, o poeta mais influente da literatura brasileira em seu tempo, tendo também publicado diversos livros em prosa.

Nascida na Ucrânia, **Clarice Lispector** foi uma escritora brasileira. Através de seus textos buscava exprimir as angústias e sentimentos do ser humano. Começou a colaborar na imprensa em 1942, atividade que manteve por toda a sua vida.

Cora Tausz Rónai, esposa do cartunista Millor Fernandes, nasceu no Rio de Janeiro, em 1953. Começou sua carreira no jornalismo em Brasília. Foi pioneira do jornalismo de tecnologia, também como fotógrafa, e a primeira jornalista brasileira a criar um blog, o internETC, ativo desde 2001.

Vinícius de Moraes tornou-se conhecido como o poeta da paixão. Nasceu em 1913, no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito e tornou-se diplomata. Além de poeta, foi grande letrista da música popular brasileira. Morreu em 1980, depois de casar-se nove vezes.

Victor Giudice nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 1934. Foi professor, bancário, jornalista, músico, ensaísta e crítico. A partir de 1968, intensificou suas atividades como escritor, tendo publicado seis livros.



Pernambucano de Exu, **Luiz Gonzaga** nasceu em 1912. Foi um grande compositor popular brasileiro, conhecido como o rei do baião. Aprendeu a ter gosto pela música ouvindo as apresentações de músicos nordestinos em feiras e em festas religiosas. Ele foi o primeiro músico a assumir a nordestinidade, cantando as dores e os amores de um povo que ainda não tinha voz.

Humberto Teixeira, cearense de Iguatu, nasceu em 1915. Começou a estudar música cedo, aprendendo flauta e mais tarde bandolim. Formou-se em Direito em 1943, exercendo a advocacia e a música ao mesmo tempo. Em 1945, conheceu o parceiro que o tornaria célebre, o rei do baião, Luiz Gonzaga.

Ganhadora do Prêmio Camões em 2005, **Lygia Fagundes Telles** nasceu em 1923 na cidade de São Paulo. Já foi chamada, mais de uma vez, a “primeira dama da literatura brasileira” por se colocar, com muita propriedade, na pele dos personagens mais diversos e complexos. Seus livros já chegaram a países como França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Rússia, China e Portugal.

Chico Buarque nasceu em 1944, no Rio de Janeiro. Tornou-se conhecido do público em 1964, quando começou a participar de festivais da canção. É um dos principais compositores brasileiros. Também é escritor. Publicou diversos romances e um livro infantil.

Paulo Mendes Campos nasceu em Belo Horizonte, em 1922. Integrava o famoso quarteto mineiro com os amigos Fernando Sabino, Hélio Pellegrini e Otto Lara Resende. Autor de mais de 20 livros, foi repórter, redator de publicidade e tradutor de poesia e prosa inglesa e francesa.

Marina Colasanti nasceu na Etiópia, em 1937. Além de poeta, é pintora, jornalista e também escreve livros para crianças. É casada com o poeta Affonso Romano de Sant’Anna e mora no Rio de Janeiro.

O verdadeiro nome de **Cora Coralina** era Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas. Nasceu em 1889, em Goiás, e lá viveu sua vida inteira, até 1985. Começou a publicar seus poemas em 1908, em um jornal local.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

COMO COMECEI A ESCREVER

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da *Gazeta de Notícias*, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de Domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a leitura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estavam germinando.

Meu irmão, estudante na capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

CLARICE LISPECTOR

TORTURA E GLÓRIA

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos. Veio a ter um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de algum livrinho, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima com paisagem de Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como data natalícia e saudade.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave. No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes eram a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Bom, mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do dia seguinte ia se repetir com o coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer está precisando que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você não veio, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se formando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Esta devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela

menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não entender. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! E o pior para ela não era essa descoberta. Devia ser a descoberta da filha que tinha. Com certo horror nos espiava: a potência de perversidade de sua filha desconhecida, e a menina em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar agora mesmo *As reinações de Narizinho*. E para mim disse tudo o que eu jamais poderia aspirar ouvir. “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse é tudo o que uma pessoa, pequena ou grande, pode querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração estarrecido, pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais comendo pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Em nenhum outro lugar do mundo, nem mesmo na Nova Iorque dos tempos da campanha "I love New York", vi tanta gente usando camisetas com símbolos locais.

Faz um bem danado à alma da gente ver isso.

Depois há, por toda parte, paredes pintadas nas cores mais alegres. No começo achei que isso fosse coisa da capital, privilegiada por administrações de matar qualquer carioca de inveja; mas não. Percorrendo os mais de 200 quilômetros que levam de Rio Branco à fronteira com a Bolívia, onde quer que se pare há uma janela vermelha, uma porta azul, uma fachada verde.

Esse gosto pelo colorido se vê igualmente nas roupas estendidas para secar. Qualquer varal humilde perdido pelo interior parece adereço cenográfico. Isso, aliás, criou um interessante paradoxo para a equipe que faz *Amazônia*, e que acabou deixando de lado muitas locações importantes, porque pareceriam bonitas demais, limpas demais para serem verdadeiras.

O grau de limpeza surpreende, mesmo. Em Rio Branco, cheguei a pensar que as ruas tão bem tratadas fossem apenas o resultado de um esforço ocasional para transmitir uma boa imagem, aproveitando a visibilidade proporcionada pela minissérie; mas em Brasília e em Etitaciolandia, onde encontra-se a equipe da Globo, há cuidado igual com os espaços públicos. As cidades não são ricas, em alguns lugares o asfalto está esburacado por causa das chuvas, mas quase não se vê lixo nas ruas ou pichações nas paredes.

Confesso que, diante dessa pobreza digna e asseada, me envergonhei pelo estado lastimável em que se encontra o Rio. Como todo carioca, estou cansada de saber que não há turista americano ou europeu que não fique chocado diante de tanta sujeira e falta de manutenção; agora sei, por constatação própria, que, neste quesito, fazemos feio também diante dos acreanos.

Percorrer este interior, que o pessoal gosta de definir como "Brasil profundo", sempre me comove. Entra-se em outra dimensão do tempo, num mundo mais simples, menos consumista, mais apegado aos valores da terra.

Vejo as casinhas modestas de madeira, de um ou dois cômodos, limpas e aconchegantes, onde as pessoas vivem com tão pouco, e me assusta o contraste com as cidades grandes, onde cada vez juntamos mais coisas inúteis à nossa volta.

É claro que há também o reverso da medalha. Tenho uma tendência natural a buscar o lado bom do que me cerca, mas é impossível ignorar a devastação pela qual passou este estado ao sobrevoá-lo, ou a atravessar quilômetros e quilômetros de pastos e mais pastos.

A paisagem é linda e bucólica, com certeza – mas ali, onde pasta o gado, houve, um dia, uma floresta inteira que veio abaixo.

Isso corta o coração.

Passeando por Rio Branco de bicicleta com Jorge Viana, ex-prefeito e ex-governador, também era impossível ignorar a presença ultradiscreta dos guarda-costas, que não estavam lá como símbolos de um eventual poder, mas como necessidade fundamental de sobrevivência de um homem que teve coragem de desafiar os bandidos que controlavam a região.

Quem lê jornal sabe que este é um lugar onde as desavenças continuam a ser resolvidas a bala.

O Acre não é um destino turístico como Manaus ou Belém, mas deveria ser. Não tem teatros mirabolantes plantados na selva (quase não tem mais selva, a bem da verdade) mas, entre seus defeitos e qualidades, entre as tragédias do passado e o gigantesco esforço de recuperação da autoestima do presente, reúne uma quantidade única de lições de Brasil.

Cheguei há três dias, vou embora logo, mas tenho, desde já, duas certezas: a de que esta foi uma das mais extraordinárias viagens da minha vida, e a de que este é um recanto do meu país que levarei para sempre no coração.

VINÍCIUS DE MORAES

O FILHO QUE EU QUERO TER

É comum a gente sonhar, eu sei
Quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar
Um sonho lindo de morrer

Vejo um berço e nele eu me debruçar
Com o pranto a me correr
E assim, chorando, acalantar
O filho que eu quero ter

Dorme, meu pequenininho
Dorme que a noite já vem
Teu pai está muito sozinho
De tanto amor que ele tem

De repente o vejo se transformar
Num menino igual a mim
Que vem correndo me beijar
Quando eu chegar lá de onde vim

Um menino sempre a me perguntar
Um porquê que não tem fim
Um filho a quem só queira bem
E a quem só diga que sim

Dorme, menino levado
Dorme que a vida já vem
Teu pai está muito cansado
De tanta dor que ele tem

Quando a vida enfim me quiser levar
Pelo tanto que me deu
Sentir-lhe a barba me roçar
No derradeiro beijo seu

E ao sentir também sua mão vedar
Meu olhar dos olhos seus
Ouvir-lhe a voz a me embalar
Num acalanto de adeus

Dorme, meu pai, sem cuidado
Dorme que ao entardecer
Teu filho sonha acordado
Com o filho que ele quer ter

VICTOR GIUDICE

A ÚNICA VEZ

Meu pai morreu há quarenta e quatro anos, no dia 30 de outubro de 1950. Estava beirando os sessenta. Todas as manhãs, ia para o trabalho num Ford cupé 1946, verde escuro, de duas portas, placa 22152. Nosso apartamento, em São Cristóvão, não tinha garagem e o carro dormia na rua. Meu pai se preocupava com a pintura: o sereno desbotava o verde escuro etc.

Mas isso tudo ficou lá.

Ontem, às seis da tarde, quando eu voltava para a Tijuca, passei pela Praça da Bandeira e me lembrei de meu pai. Ele trabalhava numa fábrica de chapéus, logo depois do Viaduto dos Marinheiros. Imaginei que se ainda estivesse vivo e se o Ford não existisse mais, eu poderia lhe oferecer uma carona. Nesse momento, talvez movido pela saudade, gritei seu nome, do modo italianado como minha avó o chamava:

— Marino Francesco!

Em menos de um minuto, surgiu na minha frente, entre os automóveis em alta velocidade, um Ford cupê de duas portas, verde escuro, desbotado, placa 22152. Assustado, alcancei o carro e dei de cara com meu pai ao volante, a mesma nobreza do perfil que eu invejava, os cabelos brancos, sem paletó, o colarinho arrematado pelo nó impecável da gravata e um cigarro com ponta de cortiça entre os lábios. Durante um segundo ele se virou e olhou para mim, sem me ver, com aquele olhar indiferente com que não vemos os desconhecidos. Depois, acelerou e tomou a direção da Quinta da Boa Vista, como se estivesse voltando para casa, há quarenta e quatro anos.

Foi a única vez que eu vi meu pai.

LUIZ GONZAGA, HUMBERTO TEIXEIRA

LÉGUA TIRANA

Oh, que estrada mais comprida
Oh, que légua tão tirana
Ai, se eu tivesse asa
Inda hoje eu via a Ana
Quando o sol tostou as folhas
E bebeu o riachão
Fui até o Juazeiro
Pra fazer uma oração
Tô voltando estropiado
Mas alegre o coração

Padim Ciço ouviu minha prece
Fez chover no meu sertão
Varei mais de vinte serras
De alpercata e pé no chão
Mesmo assim ainda falta
Pra chegar no meu rincão
Trago um terço pra Das Dores
Pra Raimundo um violão
E pra ela, e pra ela
Trago eu e o coração

LYGIA FAGUNDES TELLES

AS FORMIGAS

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

— É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

— Pelo menos não vi sinal de barata — disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

— É você que estuda medicina? — perguntou soprando a fumaça na minha direção.

— Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

— Vou mostrar o quarto, fica no sótão — disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. — O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se.

— Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e pondo-se de joelhos puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

— Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

— Ele disse que eram de adulto. De um anão.

— De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí — admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. — Tão perfeito, todos os dentinhos!

— Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. Telefone, também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa — recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: — Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, pendurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, prenda na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

— Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até a madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

— De onde vem esse cheiro? — perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. — Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

— É de bolor. A casa inteira cheira assim — ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto!, mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

— Que é que você está fazendo aí? — perguntei.

— Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

— São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida — estranhei.

— Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

— Está debaixo dela — disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. — Preto de formiga! Me dá o vidro de álcool.

— Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

— Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

— Esquisito. Muito esquisito.

— O quê?

— Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

— Deus me livre, tenho nojo de osso! Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo com os exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei.

— E as formigas?

— Até agora, nenhuma.

— Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

— Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

— Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas, então, quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

— Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas ela estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia Flor de Maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho, que competia nas repetições com o tal sonho da prova oral, nele eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

— Elas voltaram.

— Quem?

— As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

— E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

— Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta, senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formigas, você se lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas se trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... Estão se organizando.

— Como, se organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

— Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando o seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

— Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra

de formiga, mortas e vivas desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

— Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia — ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

— Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

— Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, Sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, Acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

— Voltaram — ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

— Estão aí?

Ela falava num tom miúdo, como se uma formiguinha falasse com sua voz.

— Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena movimentação. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

— O que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

— Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

— Você está falando sério?

— Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

— Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

— Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta!

— E para onde a gente vai?

— Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empaldeciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

PAULO MENDES CAMPOS

O AMOR ACABA

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes

semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

EU SEI, MAS NÃO DEVIA

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Donde se infere que o homem ajuda sem participar
e a mulher participa sem ajudar.

Da mesma forma aquela sentença:

"A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar."

Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada,
o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso
e ensinar a paciência do pescador.

Você faria isso, Leitor?

Antes que tudo isso se fizesse
o desvalido não morreria de fome?

Conclusão:

Na prática, a teoria é outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- QUINTANA, Mário. Os poemas. In: _____. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Como comecei a escrever. In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. Tortura e Glória. In: _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 27.
- RÓNAI, Cora. Paixão a primeira vista. *O Globo*, segundo caderno, 15 mar. 2007.
- MORAES, Vinícius. O filho que eu quero ter. In: ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA: erudita, folclórica, popular, v.2. São Paulo: Art Editora, 1977. p.198. (Esse poema foi posteriormente musicado por Toquinho).
- GIUDICE, Victor. A única vez. In: _____. *O Museu Darbot e outros mistérios*. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1994.
- NASCIMENTO JR., Luiz Gonzaga do; TEIXEIRA, Humberto. Léngua tirana. In: RENNO, Carlos; NASCIMENTO JR., Luiz Gonzaga; CHAGAS, Luiz. *Luiz Gonzaga*. São Paulo: Martin Claret Editora, 1990.
- TELLES, Lygia Fagundes. As formigas. In: _____. *Os melhores contos de Lygia Fagundes Telles*. São Paulo: Global Editora, 1984. p.125.
- HOLANDA, Chico Buarque. *Olhos nos olhos*. In: JOBIM, Antônio Carlos; WERNECK, Humberto; HOLANDA, Chico Buarque. *Chico Buarque: letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 88.
- CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba: crônicas líricas e existenciais. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p 21-22.
- COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 88 p.
- CORA CORALINA. Conclusões de Aninha. In: _____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global Editora, 2001. p. 174.

CHICO BUARQUE

OLHOS NOS OLHOS de Chico Buarque
© by MAROLA EDIÇÕES MUSICAIS LTDA.
Todos os Direitos Reservados.

VICTOR GIUDICE

Título do texto: A ÚNICA VEZ
Publicado no livro: O Museu Darbot e outros
Mistérios & do Catálogo de Flores
Autor: Victor Giudice
Editora: José Olympio, 1999.

CORA CORALINA

Título do texto: CONCLUSÕES DE ANINHA
Publicado no livro: Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha
Autor: Cora Coralina
Editora: Global Editora – São Paulo, 2001, PÁG. 174.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Título do texto: O MISTÉRIO DAS PALAVRAS
Publicado no livro: Para Gostar de Ler – Crônicas 4
Autor: Carlos Drummond de Andrade
Editora: Editora Ática, São Paulo, © Graña Drummond.

MARIO QUINTANA

Título do texto: OS POEMAS
Publicado no livro: Esconderijos do Tempo, de Mario Quintana
Editora: Editora Globo, São Paulo, © by Elena Quintana.

PAULO MENDES CAMPOS

Título do texto: O AMOR ACABA
Publicado no livro: O Amor Acaba, de Paulo Mendes Campos
Editora: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, © by Joan A. Mendes Campos.

MARINA COLASANTI

Título do texto: EU SEI, MAS NÃO DEVIA
Publicado no livro: Eu sei, mas não devia, de Marina Colasanti
Editora: Global Editora, São Paulo, © by Marina Colasanti.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Título do texto: AS FORMIGAS
Publicado no livro: Seminário dos Ratos, de Lygia Fagundes Telles
Editora: Editora Rocco, Rio de Janeiro, © by Lygia Fagundes Telles.

CLARICE LISPECTOR

Título do texto: TORTURA E GLORIA
Publicado no livro: A Descoberta do Mundo, de Clarice Lispector
© Herdeiros de Clarice Lispector, 1984.

CORA RÔNAI

Título do texto: PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA
Publicado no: Jornal O Globo, Segundo Caderno, 15.03.2007
Autora: Cora Ronái

VINÍCIUS DE MORAES

Título do texto: O FILHO QUE EU QUERO TER
Publicado no livro: A Arca de Noé
Editora: Cia. das Letras (Editora Schwarcz) — São Paulo, 1991, p. 18.

HUMBERTO TEIXEIRA/LUIZ GONZAGA

Título do texto: LÉGUA TIRANA
Autores: Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga
© 1949 Fermata do Brasil/Rio Musical Ltda.